



O alicerce para o futuro do país

Até os 6 anos de idade, experiências moldam o cérebro e determinam habilidades cognitivas e sociais. A ciência explica por que priorizar essa fase é investir no futuro

JÉSSICA ANDRADE
ESPECIAL PARA O CORREIO

Até os 6 anos de idade, o cérebro humano é capaz de formar mais de um milhão de conexões por segundo. É uma explosão invisível, mas que constrói as bases para o que a criança será no futuro. A forma como vai aprender, se relacionar, lidar com emoções, viver em sociedade. A esse período, dá-se o nome de primeira infância.

Apesar das evidências científicas, a infância segue ocupando lugar secundário na cultura brasileira. A psicopedagoga Luciana Brites, mestre e doutoranda em distúrbios do desenvolvimento, afirma que esse olhar distorcido é um dos maiores entraves. “Sempre que falamos em criança, tudo é colocado em um lugar de menor importância. Achar que basta alimentar e garantir o bem-estar físico, mas se esquecem de que 90% da nossa estrutura cerebral se forma na primeira infância. O brincar, por exemplo, é visto como perda de tempo, quando na verdade é a linguagem mais significativa do desenvolvimento”, observa.

Ciência explica

A ciência ajuda a explicar o que Angélica Ávila, médica neuropediatra da ABAaction, chama de “sinfonia” de mudanças. “Nos primeiros anos, ocorre a sinaptogênese exuberante: milhões de conexões são criadas rapidamente. Em seguida, vem a poda sináptica, quando as conexões pouco usadas são eliminadas e as mais estimuladas se fortalecem. Paralelamente, ocorre a mielinização, que funciona como um isolamento elétrico dos neurônios, acelerando a transmissão das informações. Em termos simples: cada experiência nessa fase ajuda a definir quais circuitos permanecerão ativos para a vida toda.”

É esse processo que garante a plasticidade cerebral, ou seja, a capacidade de o cérebro se adaptar e aprender. “Depois dos 6 anos, a plasticidade continua, mas de forma mais seletiva. As bases já estão lançadas, e o refinamento depende mais de treino e de repetição. O que não for feito na primeira infância dificilmente será recuperado com a mesma força depois”, explica a médica.

Essas transformações se traduzem em marcos visíveis. No campo da linguagem, a

Fotos: Bruna Gaston CB/DA Press



evolução vai do balbúcio nos primeiros meses às frases complexas por volta dos 5 anos. Na motricidade, do controle cervical aos 3 meses ao domínio da escrita inicial aos 6 anos.

Já na interação social, do sorriso social e do contato ocular no primeiro ano à brincadeira cooperativa e às primeiras negociações na idade pré-escolar. Cada etapa, embora variável entre crianças, mostra a construção progressiva de habilidades que sustentarão a vida adulta.

Metas e objetivos

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece que, de 0 a 5 anos, as crianças devem ter assegurados seis direitos de aprendizagem: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Já as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil reforçam a criança como sujeito de direitos, histórico e social, cujo desenvolvimento deve ser integral (físico, cognitivo, afetivo, social e cultural).

Para Luciana Winck, vice-diretora educacional do Colégio Marista João Paulo II, isso significa olhar a criança em sua inteireza: “Para que uma criança se desenvolva de maneira integral, é preciso oferecer condições de aprendizagem em todos os aspectos: emocional, físico, cognitivo, espiritual. A infância não é um rascunho: é a fase que marca memórias e constrói bases para toda a vida adulta.”

Esse compromisso se materializa no cotidiano. “Hoje, não se fala em uma infância, mas em múltiplas infâncias. O respeito a esses contextos únicos passa pela escuta atenta, pela valorização das culturas infantis e pelo uso do brincar como motor da aprendizagem. Quando família, escola e comunidade caminham juntas, o desenvolvimento é pleno”, completa.

Na prática, as famílias reconhecem o impacto. Giovana Tonello, advogada e mãe de Maria, estudante do Infantil 4 do Marista, conta que a escola mostrou que o brincar é um instrumento poderoso de

aprendizagem. “Minhas filhas passam o dia na escola e, mesmo assim, muitas vezes não querem ir embora. Isso mostra que a infância é respeitada em sua essência, sem pressa de pular etapas. O lúdico ensina mais do que uma abordagem rígida”, avalia.

Para Joyciane Loreto, mãe de Betina, do Infantil 5, é importante que a escola se preocupe com o bem-estar emocional. “Um indivíduo emocionalmente estável consegue lidar com os desafios da vida de forma calma e equilibrada, seja nos estudos, seja no trabalho ou na integração social.”

“A primeira infância é o tempo das raízes. Cada palavra, gesto de afeto e oportunidade de brincar se transforma em arquitetura cerebral. É um período que define não apenas o destino de cada criança, mas a sociedade que estamos construindo. Ela não pode ser vista como detalhe: é a fase que define quem seremos como pessoas e como nação”, conclui a psicopedagoga Luciana Brites.